

# A HIPO E A HIPERSEGMENTAÇÃO NOS DADOS DE AQUISIÇÃO DE ESCRITA: A INFLUÊNCIA DA PROSÓDIA

Ana Paula Nobre da CUNHA<sup>1</sup>  
Ana Ruth Moresco MIRANDA<sup>2</sup>

- RESUMO: Neste artigo, são analisados dados relativos à segmentação não-convencional das palavras, os quais foram extraídos de produções escritas de crianças em fase inicial do processo de escolarização, já estudados por Cunha (2004). Esses dados são discutidos à luz da Fonologia Prosódica, conforme proposta por Nespor e Vogel (1994). Os resultados mostram que as hipossegmentações (falta de espaço entre fronteiras vocabulares) são preponderantemente influenciadas por constituintes mais altos da hierarquia, a saber, a palavra fonológica, a frase fonológica e a frase entonacional; enquanto as hipersegmentações (alocação de espaços dentro dos limites da palavra) sofrem a influência dos constituintes mais baixos da hierarquia, tais como a sílaba e o pé métrico.
- PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da escrita. Fonologia prosódica. Hipossegmentação. Hipersegmentação.

## Introdução

A experimentação é característica dos processos de aquisição de conhecimentos. Ao adquirir a escrita, a criança testa hipóteses já construídas acerca desse sistema. Pode-se pensar então que, mesmo antes de entrar para a escola, o aprendiz, graças às práticas de letramento às quais está exposto cotidianamente, já construiu suas hipóteses no que diz respeito à segmentação da escrita. No entanto, ao testá-las, o que se lhe apresenta é a dúvida sobre o lugar em que esses espaços devem ser inseridos. Para a resolução desse novo problema é necessário que o aprendiz dê conta da complexa tarefa de compreender o que é uma palavra.

Começam a surgir, exatamente nesse período, as segmentações não-convencionais. Da falta de espaço entre fronteiras vocabulares – hipossegmentação – surgem estruturas do tipo “derepente”, “muitolongo”,

---

<sup>1</sup> UFPel – Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Educação – Departamento de Ensino. Pelotas – RS – Brasil. 96010-770 – apncunha@hotmail.com.

<sup>2</sup> UFPel – Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Educação – Departamento de Ensino. Pelotas – RS – Brasil. 96010-770 – ramil@ufpel.tche.br.

“chicobento”; da inserção de um espaço indevido no interior da palavra – hipersegmentação –, estruturas como “em controu”, “amanhe seu”, “chapeu sinhô”.

Estudos como os de Abaurre (1988) e Ferreiro e Pontecorvo (1996) têm mostrado que nos textos infantis as hipossegmentações são mais frequentes que as hipersegmentações, possivelmente em decorrência de que, no início do processo de aquisição da escrita, é mais comum a criança entender a palavra como uma frase fonológica.

Este estudo está fundamentado em pressupostos teóricos sobre a aquisição da linguagem e processos de aprendizagem, mais especificamente em Chomsky (1965) e Piaget (1972, 1978), respectivamente, bem como em teóricos que discutem a aquisição da escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999) e a prosódia (NESPOR; VOGEL, 1994). Vale ressaltar que a Teoria da Linguagem de Noam Chomsky – de caráter inatista – e a Teoria da Aprendizagem de Jean Piaget – de caráter construtivista – são teorias que, embora distintas, relacionam-se e complementam-se quando se pretende estudar fenômenos relativos à linguagem escrita e a sua aquisição.

Com base nessa relação oralidade/escrita, sem desconsiderar a especificidade de cada um dos processos, este artigo tem como principal objetivo apresentar os principais resultados decorrentes da descrição e análise de dados de segmentação não-convencional de palavras e sua relação com os constituintes prosódicos, conforme proposta de Nesper e Vogel (1994).

## **A aquisição da escrita**

O processo de aquisição da escrita, neste trabalho, é entendido como um processo de aquisição de conhecimento. Visto da perspectiva psicogenética, de acordo com Piaget (1972), o conhecimento não nasce com o indivíduo; a capacidade de conhecer, de aprender, de desenvolver qualquer área do conhecimento é que lhe é inata. Segundo a teoria piagetiana, o *sujeito cognoscente* se revela no processo de aquisição da língua escrita como aquele que não espera que alguém lhe transmita o conhecimento, mas aprende por intermédio de suas ações sobre os objetos do mundo que o cerca. Por conseguinte, enquanto constrói suas próprias categorias de pensamento, organiza seu mundo.

Para Piaget (1978), é de forma global, por meio de grandes reestruturações, que a aquisição do conhecimento acontece. Esse processo, visto como um todo, é sempre construtivo, mesmo quando se chega a um resultado considerado errôneo. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), a ideia de erro construtivo é de fundamental importância para o processo de aprendizagem. No que diz respeito à aquisição da

escrita em particular, pode-se observar, através dos tipos de erros, quais hipóteses estão sendo testadas pela criança.

Partindo da relação entre a linguagem oral e a aquisição da escrita, sem ignorar que o desenvolvimento de ambas é diferente – a escrita exige por parte da criança um nível maior de abstração (VIGOTSKI, 2000)<sup>3</sup>; enquanto a capacidade para a linguagem é inata do ser humano (CHOMSKY, 1965, 1978, 1986) –, pode-se afirmar que, durante o período de apropriação da escrita, especialmente na fase inicial, a criança tende a lançar mão do conhecimento internalizado que possui a respeito da estrutura da sua língua. Segundo Kato (1986, p. 10), “[...] a percepção das propriedades de um objeto torna-se mais fácil quando o confrontamos com outro objeto de natureza semelhante.” Somente ao longo do processo, a criança é capaz de afastar a escrita da oralidade, tomando consciência, de acordo com Cagliari (2002), de que a escrita não é um espelho da fala.

Com base na teoria piagetiana, pode-se afirmar que o objeto do conhecimento só está compreendido quando o sujeito é capaz de reconstruí-lo, quando tiver entendido quais são suas leis de composição. Dessa forma, a escrita só terá sido efetivamente adquirida pela criança quando ela for capaz de manuseá-la em suas mais variadas possibilidades. Para tanto, esse novo sistema (a escrita) deve ser considerado pelo aprendiz como um objeto único, independente, que pode ser construído e reconstruído a cada momento, de acordo com suas características específicas e suas regras de composição.

## **A segmentação da escrita em palavras**

De acordo com Kato (1986), a fala não é segmentada em unidades linguísticas é, pois, uma cadeia contínua de sinais acústicos, e quem a ouve é que a reestrutura em unidades psicologicamente significativas. Somente durante o processo de aquisição da escrita é que a criança passa a ter consciência desse fato. É nesse momento que ela se depara com suas dúvidas de onde segmentar o texto e começa a levantar hipóteses a respeito dos limites das palavras.

Ferreiro e Pontecorvo (1996) constatam, em um estudo sobre a segmentação na aquisição da escrita, que as crianças apresentam uma grande dificuldade em conceituar o que é “palavra”. No começo desse processo, é muito mais comum o aprendiz entender a palavra como um enunciado do que como uma unidade gramatical ou semântica. Por isso, as autoras verificam uma maior tendência à hipossegmentação.

---

<sup>3</sup> Vigotski (2000) e Piaget (1978) possuem posições divergentes em relação à aquisição do conhecimento; no entanto, para ambos, mesmo que de pontos de vistas diferentes, o sujeito é ativo durante esse processo.

A noção de palavra é instável para a criança em fase de alfabetização e pode, segundo Ferreiro e Pontecorvo (1996), significar um fragmento do enunciado, o enunciado completo ou ainda letras isoladas. Quando o aprendiz entra para a escola, é que a ideia de segmentação lexical começa a ser sistematizada. As autoras verificam que nesse período é mais fácil o aluno identificar como palavras os substantivos, os verbos e os adjetivos, sendo as demais classes gramaticais, principalmente os artigos, conjunções, preposições e outros elementos de ligação, consideradas como *não-palavras*. No momento em que a criança não reconhece alguma porção – uma ou duas sílabas – como palavra, a tendência natural é que a associe àquela sequência reconhecida como tal, sendo esse comportamento o responsável pela grande incidência de hipossegmentações nos textos de séries iniciais. Para as autoras, “[...] a escrita das crianças parte de formas unidas (em geral, segundo critérios gráficos e sintáticos) e evolui para uma segmentação cada vez mais completa.” (FERREIRO; PONTECORVO, 1996, p.64).

## **A fonologia prosódica**

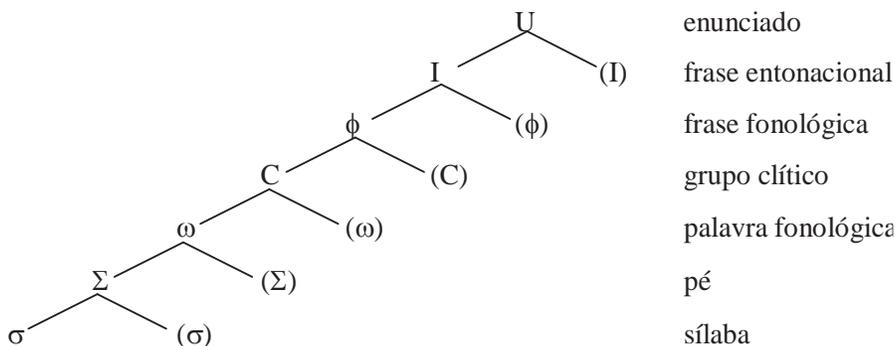
De acordo com a teoria prosódica, a representação mental da fala está dividida em segmentos hierarquicamente organizados. A cadeia da fala é um ato contínuo, porém compreender uma língua pressupõe saber dividir mentalmente essa continuidade em componentes psicologicamente significativos, os *constituintes prosódicos*.

Os constituintes prosódicos, segundo Nespor e Vogel (1994), são fragmentos mentais integrantes de uma hierarquia, aos quais se aplicam processos fonológicos bem como regras fonológicas específicas. Esses constituintes não apresentam necessariamente isomorfia com constituintes sintáticos, morfológicos ou semânticos.

De acordo com as autoras, sete constituintes compõem a hierarquia prosódica, os quais se apresentam na seguinte ordem, do menor ao maior: sílaba ( $\sigma$ ), pé ( $\Sigma$ ), palavra fonológica ( $\omega$ ), grupo clítico (C), frase fonológica ( $\phi$ ), frase entonacional (I) e enunciado (U).

Bisol (1996) mostra que essa hierarquia pode ser expressa através de um diagrama arbóreo, como exemplificado em (1):

(1)



A seguir, apresenta-se uma breve caracterização de cada um desses constituintes.

### a) A sílaba ( $\sigma$ )

Para Nespor e Vogel (1994), a sílaba é o menor constituinte da hierarquia prosódica a que se aplicam regras fonológicas. Os constituintes da sílaba são o ataque (A) e a rima (R), que pode se subdividir em núcleo (N) e coda (C).

### b) O pé métrico ( $\Sigma$ )

O pé métrico é constituído por uma sequência de duas ou mais sílabas ou moras<sup>4</sup> que estabeleçam uma relação de dominância, ou seja, que estejam sob o mesmo nó. Esse constituinte normalmente é estruturado de forma a ter uma sequência, com uma sílaba relativamente forte e as demais relativamente fracas. A proeminência à esquerda ou à direita varia de língua para língua. Para Nespor e Vogel (1994), o pé é de fundamental importância para o acento, isto é, para a identificação de sílabas tônicas e átonas no interior de palavras assim como em constituintes mais altos.

### c) A palavra fonológica ( $\omega$ )

De acordo com Nespor e Vogel (1994), a palavra fonológica ou palavra prosódica, constituinte que representa a interação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática, é a categoria que domina o pé. A palavra fonológica tem um domínio igual ou menor à palavra terminal de uma árvore sintática, não extrapolando esse domínio em nenhuma língua.

<sup>4</sup> Uma mora é equivalente ao elemento que constitui a rima. Considerando, por exemplo, a representação da sílaba CVC, temos duas moras, o núcleo e a coda silábica.

O que caracteriza fundamentalmente a palavra fonológica é que ela deve ter apenas um acento primário<sup>5</sup>, pois, sendo um constituinte n-ário, tem apenas um elemento proeminente. O pé forte de uma palavra fonológica será determinado por um parâmetro que deve ser fixado em cada língua.

#### **d) O grupo clítico (C)**

O grupo clítico é definido por Bisol (1996, p.252) “[...] como a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos<sup>6</sup> e uma só palavra de conteúdo.” Para Nespor e Vogel (1994), os clíticos são constituintes de natureza híbrida, ou seja, embora não se sustentem como palavras em um enunciado, parecem-se com uma.

#### **e) A frase fonológica (φ)**

A frase fonológica é o constituinte imediatamente superior ao grupo clítico e possui recursividade à direita, isto é, o cabeça lexical situa-se à direita, e todos os demais recessivos que ficam à sua esquerda estão dentro do mesmo domínio de X barra. Somente o adjetivo posposto ao nome pode servir como cabeça de constituinte. Em (2a), N, V e A formam três frases fonológicas e em (2b), através do processo de reestruturação, passam a formar duas frases fonológicas:

- (2) a. [Plantou]φ      um lindo ipê]φ    roxo]φ  
      b. [Plantou]φ      um lindo ipê roxo]φ                    (por reestruturação)

#### **f) A frase entonacional (I)**

A frase entonacional pode ser formada por um conjunto de frases fonológicas ou por uma frase fonológica apenas, desde que esta possua uma linha entonacional.

A regra básica de formação de uma frase entonacional, segundo Nespor e Vogel (1994, p.218), está fundada nas noções de que “[...] a frase entonacional é o âmbito de um contorno de entoação e de que os finais das frases entonacionais coincidem com as posições em que se podem introduzir pausas em uma oração.” As autoras também afirmam que a frase entonacional pode sofrer um processo de reestruturação, que é determinado, entre outros fatores, por quatro principais: o tamanho da frase, a velocidade da fala, o estilo e a proeminência relativa.

#### **g) O enunciado (U)**

O enunciado é o constituinte mais alto e maior da hierarquia prosódica. Tem sua proeminência relativa sempre mais à direita e sua identificação é feita através

---

<sup>5</sup> Se tomarmos como exemplo uma palavra composta do português tal como “guarda-roupa”, temos duas palavras fonológicas, uma vez que temos dois acentos primários, mas apenas uma palavra morfológica.

<sup>6</sup> Clítico é uma palavra que depende fonologicamente de outra, comportando-se como se fosse uma de suas sílabas. Os pronomes átonos são exemplos de clíticos.

dos limites sintáticos e da pausa, no entanto, nem sempre U tem o mesmo tamanho do constituinte sintático.

Segundo Nespor e Vogel (1994), de acordo com determinadas circunstâncias, o enunciado sofre processo de reestruturação semelhante às demais categorias inferiores da hierarquia prosódica. Nesse nível, a reestruturação não depende somente de fatores sintáticos, mas também de fatores lógico-semânticos. Por conseguinte, a reestruturação deve atender a requisitos que incluem condições pragmáticas e condições fonológicas. Para atender às primeiras, as orações devem ser enunciadas pelo mesmo falante e devem dirigir-se ao(s) mesmo(s) interlocutor(es); para as segundas, as orações devem ser relativamente curtas e não pode haver pausa entre elas.

## **A metodologia do estudo**

Os dados analisados neste estudo pertencem ao Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE-UFPel)<sup>7</sup>. O principal objetivo dessa pesquisa é investigar a aquisição e o desenvolvimento da ortografia nos textos de crianças de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série do ensino fundamental de duas escolas da cidade de Pelotas (RS), uma pública e outra particular.

O Banco é composto por 2000 textos espontâneos (coletados no período de 2001 a 2004), os quais foram produzidos por crianças com idades entre 6 e 12 anos que cursavam, à época das coletas, uma das quatro primeiras séries do ensino fundamental. Os textos analisados foram obtidos a partir de oficinas de produção textual, organizadas e implementadas pelo grupo de pesquisa durante o período escolar, nas salas de aula frequentadas pelas crianças. Cada uma dessas oficinas baseou-se em uma proposta diferente, que visava ao texto espontâneo do aluno, pois se considera que este é o que melhor revela as hipóteses que a criança constrói acerca da linguagem escrita.

Especificamente para este estudo, foram selecionados dez sujeitos, os quais foram escolhidos de maneira intencional: cinco alunos da escola pública e cinco da escola particular. Primeiro se levou em conta a regularidade da participação dos alunos nas coletas; depois, foram escolhidos aqueles que apresentavam, em suas escritas, uma maior diversidade de processos de segmentação não-convencional. Foram analisados setenta e quatro textos, obtidos a partir de nove coletas dentre as dez realizadas.

Todos os dados de segmentação não-convencional encontrados foram extraídos dos textos e, após, organizados em dois grandes grupos: dados de *hipossegmentação* e dados de *hipersegmentação*. Depois de separados, tanto

---

<sup>7</sup> Pesquisa apoiada pelo CNPq – Processo nº400882/2008-6.

as hipo como as hipersegmentações foram analisadas tendo-se em conta três variáveis linguísticas e duas extra-linguísticas, a saber: *tipo de palavra*, *estrutura silábica*, *tonicidade*, *tipo de escola* e *série*, respectivamente.

A variável *tipo de palavra* sofreu ainda uma subcategorização em dois grupos principais – *palavra gramatical* e *palavra fonológica* – de acordo com a função que expressa. Considerou-se *palavra gramatical* aquela que não possui significado lexical, como os clíticos, por exemplo. A *palavra fonológica* abarca todas as palavras que possuem um acento primário e que, mesmo não tendo significado conhecido na língua, são candidatas potenciais para tal.

Partindo-se dessa subcategorização da variável *tipo de palavra*, obtiveram-se quatro possíveis combinações, a saber: a) palavra gramatical + palavra fonológica; b) palavra fonológica + palavra gramatical; c) palavra gramatical + palavra gramatical; d) palavra fonológica + palavra fonológica.

Depois de separados de acordo com as quatro possibilidades apresentadas, os grupos de palavras foram analisados segundo as variáveis *tipo de sílaba* e *tonicidade*. Com a variável *tipo de sílaba*, procurou-se verificar, nos dados analisados, quais foram os processos de ressilabação utilizados pelas crianças nas ocorrências de hipossegmentação, bem como o comportamento dos aprendizes em relação à preservação do constituinte sílaba nos processos de hipersegmentação.

A *tonicidade* foi considerada aspecto importante a ser analisado nos processos de segmentação, já que estudos de aquisição como os de Matzenauer (1990), Miranda (1996) e Rangel (1998), entre outros, mostram que as sílabas átonas são mais propícias a sofrerem processos fonológicos. Também se tem verificado, por meio de estudos fonéticos como os de Massini-Cagliari (1992), que a tonicidade ou o acento das palavras pode alterar seus segmentos e, até mesmo, a sua quantidade silábica.

A variável extralinguística *tipo de escola* foi analisada a fim de que se verificasse o rendimento das crianças da escola pública em relação ao das crianças da escola particular em seu processo de aquisição da escrita. Já a variável *série* teve como propósito verificar a evolução dos processos de segmentação das palavras, pois, em se considerando esse processo como progressivo, o tempo de contato com o texto e a produção textual podem contribuir para o domínio desse aspecto da escrita.

## **Os dados de hipossegmentação**

Nesta seção, os resultados e a análise dos dados serão apresentados e discutidos a partir da classificação feita, levando-se em conta a variável *tipo de palavra*.

### a) Palavra gramatical + palavra fonológica

Partindo-se da hipótese de que a criança analisa o tamanho da palavra como referência para segmentação, Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que, no início do processo de aquisição da escrita, conjuntos de uma ou duas letras são difíceis de serem reconhecidos pelo aprendiz, por isso, na maioria das vezes, o aluno junta essas letras à palavra seguinte fazendo uma hipossegmentação. As classes gramaticais como a conjunção “e”, os artigos, os pronomes e as preposições (monossílabos átonos) são as mais afetadas por esse fenômeno.

Partindo-se de uma hipótese fonológica, pode-se pensar que essa dificuldade observada na escrita corresponde, em parte, ao processo de aquisição oral. Segundo Abaurre, Galves e Scarpa (1999), quando a criança passa do balbucio tardio às primeiras palavras, os enunciados de uma sílaba são evitados e aparecem sempre junto a emissões de duas ou mais sílabas, assim como na escrita, uma vez que as sílabas que se juntam a outras palavras são aquelas que não portam acento.

Em (3), observam-se dados em que aparece a juntura entre uma palavra gramatical e uma palavra fonológica:

(3)	(a) avuoresta (a floresta)	(b) umdia	(c) ticomer
	oocelho	derepente	sesquecer
	ubluzão	nachamine	medeu
	osgatos	poriso (por isso)	etinha

Nas ocorrências mostradas em (3a), a hipossegmentação ocorre sempre entre o clítico, nesses casos um artigo definido, e uma palavra de conteúdo que começa por consoante. Essa sequência parece ser a preferência das crianças, pois, em alguns textos nos quais ocorreu esse tipo de hipossegmentação, havia também possibilidade de a juntura ser feita entre um “artigo” e uma palavra de conteúdo que se iniciasse por vogal, mas isso não ocorreu. Podem-se citar, como exemplos, as sequências “a estória” ou “o auco” (o álcool), grafadas de maneira a preservar os devidos espaços entre palavras. No primeiro caso, a criança evita a formação da sequência “aes”, inexistente em início de palavras no português brasileiro; no segundo exemplo citado, evita a formação de um tritongo, encontro vocálico de baixa frequência na língua. É interessante observar que essa preferência se manifesta em um texto no qual a hipossegmentação entre uma palavra gramatical e uma palavra fonológica ora ocorre, ora não. A mesma criança, em uma mesma situação de produção, hipossegmenta um pronome clítico e um verbo, “tiver” (te ver) e “ticomer” (te comer); mas não o faz em uma sequência como “ti ouvir” (te ouvir), possivelmente, evitando a formação do tritongo.

Hipossegmentações, como no exemplo “sesquecer” (se esquecer), no qual existe uma ressilabação vocálica, definida por Bisol (1992, 1996, 2000) como degeminação<sup>8</sup>, ocorrem com frequência. Na grande maioria dos dados encontrados, as estruturas silábicas da língua não são violadas. Isso mostra que, desde muito cedo, esse constituinte apresenta realidade psicológica para a criança, comprovando o que diz Abaurre (1988) sobre a sílaba ser um dos primeiros constituintes prosódicos que a criança domina, especialmente a estrutura silábica do tipo CV (consoante / vogal), considerada a forma canônica da sílaba.

### **b) Palavra fonológica + palavra gramatical**

As hipossegmentações resultantes da juntura entre palavra fonológica e palavra gramatical, nos dados estudados, ocorrem quase sempre entre um verbo e um pronome em posição enclítica. Essa colocação pronominal, que não é a mais característica do falar brasileiro, pode estar motivando a criança a representá-la na escrita como uma só palavra, conforme mostram os exemplos em (4):

- (4) (a) chamavase (chamava-se)    (b) pegela (pegá-la)  
      falavase (falava-se)            matalo (matá-lo)

Nos exemplos mostrados em (4a), existe a formação de um pé ternário ou dátilo (BISOL, 1996), do qual se origina uma palavra proparoxítona. Nesses casos, ao ter de decidir entre as duas situações não tão comuns, a ênclise ou o acento proparoxítono, a criança opta por esta última solução.

Nos exemplos em (4b), tem-se a formação de pés binários, pois o verbo, ao juntar-se com o pronome, produz um troqueu silábico, a regra mais geral do português para atribuição do acento, segundo Bisol (1996). Tanto em “pegela” quanto em “matalo”, tem-se um pé de cabeça medial, formando palavras paroxítonas trissilábicas. Essa forma de palavra é, juntamente com a paroxítona dissilábica, aquela que a criança, de acordo com Abaurre (1991), parece buscar no início do processo de aquisição da escrita. Uma forma padrão para as palavras da língua que resulta da combinação de hipóteses sobre o número ideal de sílabas e o padrão de acento mais comum.

### **c) Palavra gramatical + palavra gramatical**

Esse tipo de hipossegmentação é um dos mais raros dentre aqueles casos encontrados nos dados analisados. Aparecem apenas dois tipos de combinação:

---

<sup>8</sup> Segundo Bisol (1992, 1996, 2000), a degeminação é um processo de ressilabação vocálica que pode acontecer tanto no interior de uma palavra, como em “cooperativa” > c[o]perativa, quanto entre fronteiras vocabulares, como em “camisa azul” > camis[a]zul.

um que envolve a palavra gramatical “que”, em (5a), e outro, a junção entre a conjunção “e” e artigos definidos (5b):

- (5) (a) oque  
paque (para que)  
praque
- (b) ea (e a menina)  
eo (e o lobo)

Nas hipossegmentações do tipo mostradas em (5a), a palavra gramatical “que” pode ter atraído a palavra gramatical à sua esquerda. Segundo Abaurre, Galves e Scarpa (1999), a palavra “que”, quando for interrogativa e estiver no início da frase, pode ser portadora de um acento nuclear. Os três dados apresentados em (5a) inserem-se nesse contexto. Como exemplo, pode-se observar um trecho de frase extraída do texto da criança: praque esses olhos. Mesmo que o ponto de interrogação não tenha sido grafado, fica evidente que essa é uma frase interrogativa, levando-se em conta que a história era a da “Chapeuzinho Vermelho”.

Embora o clítico “para” corresponda a um pé métrico, conseqüentemente, portador de acento (BISOL, 2000), nos dados mostrados em (5a), ele aparece na forma contraída “pra” ou mesmo como uma sílaba do tipo CV “pa”, transformando-se em sílaba átona, assim, o pé métrico somente se forma quando ela se liga à palavra gramatical “que”. O que sugere, mais uma vez, que a busca pelas formas menos marcadas da língua motiva esse tipo de escrita.

Quanto aos exemplos mostrados em (5b), as motivações parecem ser bem específicas, pois ambos os dados foram extraídos de início de frase, nunca do interior do texto. Esse fato pode indicar que a criança mostra resistência à presença de duas letras isoladas no início de uma frase.

#### **d) Palavra fonológica + palavra fonológica**

Os dados referentes a essa combinação formam frases fonológicas e frases entonacionais. A construção da frase fonológica, segundo Nespor e Vogel (1994), deve ser avaliada por intermédio de noções sintáticas mais gerais. No português, a recursividade observada na formação das frases é à direita, e categorias gramaticais como nome (N), verbo (V) ou adjetivo (A) são consideradas as cabeças de frases fonológicas. Os exemplos que seguem em (6) e (7) mostram hipossegmentações que formam frases fonológicas.

- (6) belodia (belo dia)  
u belodia a dona bruxa estava costurando bluzão  
[u belodia a dona bruxa] FN [estava costurando bluzão] FV  
[ [u belodia]  $\phi$  [a dona]  $\phi$  [bruxa]  $\phi$  [estava costurando]  $\phi$  [bluzão]  $\phi$  ] I

- (7) tãongrande (tão grande)  
 e essa boca tãongrande  
 [e essa boca tãongrande] FN  
 [ [e essa boca]  $\phi$  [tãongrande]  $\phi$  ] I

No exemplo (6), o adjetivo está à esquerda do nome, por isso incorpora-se à frase fonológica encabeçada por N. Já no exemplo em (7), tem-se o adjetivo como cabeça de frase.

A frase entonacional deve possuir um contorno de entonação e seu final deve coincidir com uma posição em que se possa introduzir pausa na oração (NESPOR; VOGEL, 1994). Os exemplos acima mostram uma hipossegmentação que forma uma frase fonológica inserida em uma frase entonacional. Devido a critérios semânticos, a frase entonacional tem como uma de suas principais características, segundo Bisol (1996), o fato de uma de suas frases fonológicas serem fortes, enquanto as demais, fracas. A sequência forte na frase entonacional é variável, dependendo da mudança de foco do valor semântico.

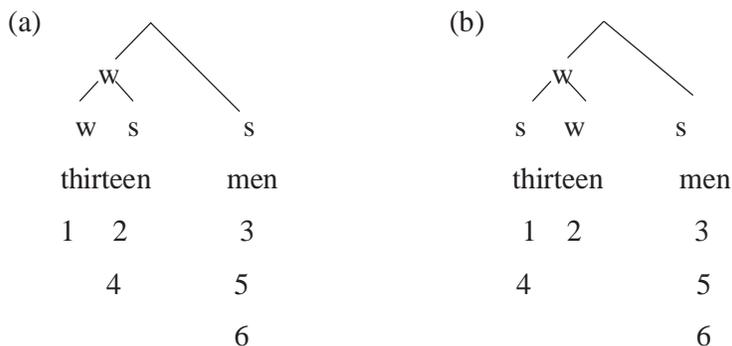
Com base nessas considerações, pode-se fazer uma suposição de que as sequências hipossegmentadas, mostradas em (6) e (7), representem a frase fonológica forte da frase entonacional, conforme apresentado em (8) e (9), onde S é a frase forte e W a frase fraca.

- (8) [ [u belodia]  $\phi$  [a dona]  $\phi$  [bruxa]  $\phi$  [estava costurando]  $\phi$  [bluzão]  $\phi$  ] I  
                   S                  W                  W                  W                  W

- (9) [ [e essa boca]  $\phi$  [tãongrande]  $\phi$  ] I  
                   W                  S

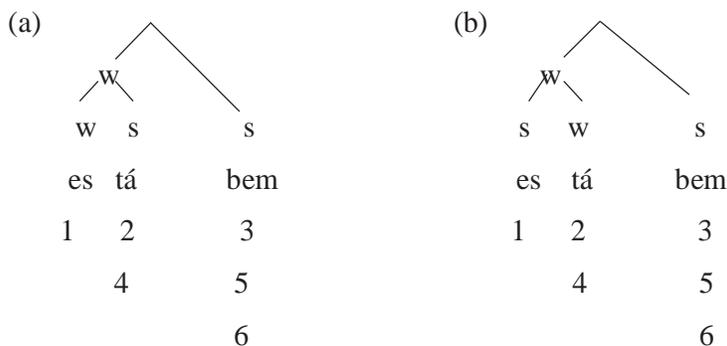
Segundo Matzenauer (1996), as línguas têm uma tendência a eliminar o choque de acentos. Embora esse choque aconteça em alguns casos de hipossegmentação entre duas palavras fonológicas, o problema pode ser resolvido através de alteração rítmica, de uma reorganização na grade métrica, conforme o exemplo de Liberman e Prince (1977) mostrado em (10).

(10)



Dados como “estabem” (está bem) podem ser analisados através da grade métrica de Liberman e Prince (1977). Essa reorganização permite uma alteração rítmica da hipossegmentação “estabem” e, por conseguinte, a eliminação do choque de acentos existente entre as duas palavras, como mostra o exemplo (11):

(11)



## Os dados de hipersegmentação

Assim como na seção anterior, os dados serão apresentados de acordo com o resultado obtido após a classificação feita segundo a variável *tipo de palavra*.

### a) Palavra gramatical + palavra fonológica

Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que a criança, quando começa a escrever, tem muita dificuldade em reconhecer como palavra conjuntos de uma ou duas letras. Por isso, na maioria das vezes, junta essas letras à palavra seguinte

fazendo uma hipossegmentação. Tal afirmativa revela o que pode ser ainda um resquício da hipótese da quantidade mínima de caracteres, segundo a qual é necessário que se tenha um mínimo de letras para que algo possa ser lido. Com o desenvolvimento da conceituação a respeito da escrita pela criança, à medida que essa hipótese começa a ser superada, estruturas que foram indevidamente unidas passam a ser reconhecidas, e estruturas que deveriam permanecer unidas, principalmente na sílaba inicial, podem ocasionar uma segmentação inadequada. Esse fenômeno, exemplificado em (12), é o mais frequentemente observado nos dados de hipersegmentação estudados.

(12) (a)	a onde	(b)	em bora	da quela
	na mora		a légi	com migo
	da nada		a baso	

Como se pode observar em (12a), o que resta à direita, além de ser uma palavra fonológica, é também uma palavra lexical. Já em outros casos, como os apresentados em (12b), o que está segmentado à direita é uma palavra fonológica sem significado lexical, assim considerada por formar um pé métrico, nesses casos, do tipo troqueu silábico<sup>9</sup>.

Considerando-se que a maioria dos dados de hipersegmentação, como os mostrados em (12), deixam à direita um troqueu silábico, pode-se supor, seguindo Abaurre (1991) e Cagliari (2002), que uma das variáveis que pode influenciar a decisão da criança sobre onde segmentar a escrita é a constituição de palavras dissílabas paroxítonas.

O dado “com migo” merece especial atenção, pois exemplifica a ideia de que a hipersegmentação pode ocorrer em consequência do reconhecimento de uma palavra gramatical, visto que a criança, ao isolar a sílaba “co”, acrescenta-lhe a coda nasal “m”, produzindo uma forma gráfica que corresponde à preposição “com”.

### **b) Palavra fonológica + palavra gramatical**

Esse tipo de resultado decorrente da hipersegmentação é quase uma exceção, pois, nos dados estudados, há apenas três ocorrências, as quais estão apresentadas em (13).

---

<sup>9</sup> O troqueu silábico é um pé composto por duas sílabas, com proeminência à esquerda. A contagem das sílabas não considera sua estrutura interna. Abaixo está a representação deste pé:

(\* .)  
σ σ

(13) gitan do

correm do

tu do

Nos exemplos em (13), observa-se, à direita da sequência, o isolamento da palavra gramatical “do”. Esses casos, nos quais a palavra fonológica fica à esquerda, podem ser motivados pelo fato da forma “do”, bastante comum na língua, resultante da contração entre a preposição “de” e o artigo “o”, ter sido reconhecida pela criança. Outra possibilidade de análise, no entanto, também se mostra viável, pois é possível pensar-se que o reconhecimento da forma à esquerda influencia a inserção de espaço na grafia das crianças. Nos dois primeiros exemplos, tem-se a presença da nasal e da tonicidade da palavra no ponto em que o espaço foi inserido, ou seja, ambas as palavras foram segmentadas logo após uma sílaba tônica que possui uma coda nasal<sup>10</sup>; alia-se a isso o fato de as formas verbais resultantes terem alta frequência no português, “gritam” e “correm”. Tal junção de fatores pode ter motivado essas segmentações não-convencionais. No caso da segmentação da palavra “tudo”, temos à esquerda o pronome pessoal “tu”, forma de tratamento característica do dialeto gaúcho falado pelas crianças pesquisadas. Assim, nesse último caso, o que pode estar dirigindo a segmentação é o reconhecimento de uma forma pronominal muito comum a elas.

### **c) Palavra gramatical + palavra gramatical**

Dados que se enquadrem nessa combinação possível não foram observados nas produções escritas analisadas, exceto a grafia da palavra “porque”. Tal grafia não foi computada como um erro, devido ao fato de existir na ortografia do português a possibilidade dessa sequência ser grafada de ambas as formas, junto ou separado, dependendo do contexto em que se encontra, ou seja, da função que desempenha na frase.

### **d) Palavra fonológica + palavra fonológica**

Nos dados analisados, pôde-se observar que as sequências de duas palavras fonológicas apresentaram três possibilidades de resultado, quais sejam: uma palavra fonológica transformando-se em duas que não possuem significado na língua; uma palavra fonológica transformando-se em duas palavras lexicais; e uma palavra fonológica transformando-se em uma lexical e outra sem significado, conforme mostram os exemplos em (14).

(14)	(a)	(b)	(c)
	verda deiro (verdadeiro)	ter mina (termina)	chapeu sinho (chapeuzinho)
	tor meiro (tomeio)	mau tratados (maltratados)	ar partamento (apartamento)
			man deu (mandou)

<sup>10</sup> Conforme Miranda (2007), a coda nasal é um contexto problemático para as crianças em fase de aquisição da escrita.

Nos exemplos mostrados em (14a), observa-se uma tendência à formação de duas palavras dissílabas ou de uma monossílaba com duas moras – sílaba pesada – mais uma dissílaba, como nos exemplos “verda deiro” e “tor meiro”, respectivamente. As palavras que se originam da segmentação, nesses casos, não possuem significado lexical, mas preservam o pé métrico, legitimando a formação de duas palavras fonológicas.

Em (14b), além da preservação de pés métricos, a criança pode estar interpretando esses vocábulos como duas palavras lexicais integrantes do seu vocabulário, pois, como resultado da segmentação, têm-se duas palavras cujo conteúdo, certamente, é conhecido pelo aluno aprendiz. Abaurre (1991) mostra alguns exemplos de vocábulos menos conhecidos da criança que, ao serem escutados, foram representados na escrita como duas palavras autônomas: “catapulta” que a criança escreve como “cata” e “puta” e a “calabouço” escrita como “cala” e “bolso”. Não se pode deixar de mencionar, no entanto, que o exemplo “mau tratados”, diferentemente de “ter mina”, origina-se da palavra “maltratados”, um composto do português.

Nos exemplos mostrados em (14c), o reconhecimento de uma palavra lexical à esquerda ou à direita pode ter sido uma das motivações da segmentação. No caso específico da segmentação de “chapeuzinho”, pode-se observar outra motivação além do reconhecimento do vocábulo “chapéu” e da palavra “Zinho”, às vezes empregada pelos falantes como palavra de conteúdo. De acordo com Bisol (1994), palavras morfológicas formadas com o sufixo – zinho constituem-se de duas palavras fonológicas devido ao acento primário do sufixo. Ao juntar o radical “chapéu” com o sufixo “-zinho”, têm-se duas sílabas fortes sucessivas. Ocorre, porém, que no nível da palavra, de acordo com Bisol (1994), a grade métrica do português é sensível ao choque de acentos, isto é, à sequência forte-forte. Esse choque pode ter sido a causa da hipersegmentação da palavra “chapeuzinho”.

No caso da hipersegmentação “man deu”, além do reconhecimento de uma palavra lexical à direita, a separação pode ter sido motivada pela coda nasal da sílaba que ficou isolada à esquerda.

### **Os dados de hipo e hipersegmentação em uma mesma sequência**

Esses dados não aparecem em grande número, todavia são relevantes à medida que são capazes de ilustrar o jogo de influências dos aspectos linguísticos sobre a decisão da criança na hora em que ela tem de definir o lugar dos espaços em suas grafias. Também nesses casos híbridos, observam-se alguns processos já mencionados tanto nas hipo quanto nas hipersegmentações anteriormente analisadas.

Devido ao fato de os dados apresentarem uma maior incidência de casos de hipossegmentação em se comparando à hipersegmentação, pode-se pensar que, quando esses dois fenômenos aparecem simultaneamente, primeiro a criança hipossegmenta a sequência para depois hipersegmentá-la. Um movimento desse tipo pode ser observado no exemplo (15).

- (15) (a) quem fim (que enfim)  
que enfim > qu[e]nfim > quem fim  
(b) ele vou (e levou)  
e levou > elevou > ele vou

Em (15), pode-se levantar a hipótese de que primeiro a criança constrói uma sequência única para depois hipersegmentá-la, formando duas palavras fonológicas que são também lexicais. No caso do exemplo (15a), essa hipótese aparece mais claramente em função da degeminação ocorrida com a vogal [e] no momento da junção das duas palavras. Outros dados desse tipo estão apresentados em (16):

- (16) (a) mea jude (me ajude)  
(b) tes quece (te esquece)  
(c) pofa vor (por favor)  
(d) siasu tou (se assustou)

Nos dados em (16a) e (16b), observa-se o isolamento de um pé troqueu à direita, ficando à esquerda uma sílaba pesada. No exemplo em (16c), acontece o contrário, o pé troqueu está à esquerda, enquanto a sílaba pesada está à direita. Em (16b), a hipossegmentação ocorre por intermédio de um processo de degeminação, enquanto em (16d) há uma ditongação e, provavelmente, a hipersegmentação se dá em função da dificuldade que a criança tem em lidar com segmentos de coda, neste caso o “s”, deixando, conforme Moreira (1991), o espaço da dúvida.

## Considerações finais

Ao longo do estudo, foi possível observar que, quanto aos dados de *hipossegmentação*, duas tendências mostraram-se predominantes: juntura entre uma palavra gramatical e outra fonológica, como em “olobo”, “derepente”, “tecomer”, e juntura entre duas palavras fonológicas, como em “chicobento”, “belodia”, “benlonge”.

Os dados que envolvem uma palavra gramatical e uma palavra fonológica são os mais numerosos. Esses achados confirmam o que diz Ferreiro e Teberosky

(1999) sobre a dificuldade da criança em reconhecer, na fase de aquisição da escrita, seqüências de uma ou duas letras como palavra. Segundo Abaurre, Galves e Scarpa (1999), essa dificuldade também ocorre na aquisição da linguagem oral, pois a palavra gramatical, por não possuir acento, integra-se à palavra adjacente como uma de suas sílabas pretônicas.

No caso das ocorrências que apresentam hipossegmentação entre duas palavras fonológicas, o que acontece é o surgimento de frases fonológicas ou frases entonacionais. Nas primeiras, como no exemplo “miaroupa” (minha roupa), a hipossegmentação pode ocorrer devido à escolha, motivada por critérios semânticos, da frase fonológica forte de uma frase entonacional. No caso das frases entonacionais, pode haver uma motivação devido à presença de uma linha entonacional decorrente de uma pausa, como em “chicobento saiu correndo”.

Hipossegmentações do tipo que juntam palavra fonológica a uma palavra gramatical e que juntam duas palavras gramaticais aparecem em número muito reduzido. As primeiras, em geral, são motivadas pela formação de uma única palavra fonológica, como em “pegela” (pegá-la) e as últimas, quase exceções, são significativas apenas nos dados que envolvem a palavra gramatical “que”, como em “oque” ou “praque”. Essas hipossegmentações justificam-se, segundo Abaurre, Galves e Scarpa (1999), pelo fato do “que” possuir um acento nuclear, o qual gera uma interrupção na fala e pode atrair a palavra gramatical que está à sua esquerda, principalmente quando isso ocorrer em uma sentença interrogativa.

Nos dados de hipossegmentação, em geral, quanto à variável *tipo de sílaba*, pôde-se constatar que, ao suprimir os espaços entre as palavras, a criança tende a preservar as estruturas silábicas da língua, e somente em casos raríssimos isso não se verifica. Quando o contexto é favorável, o aprendiz usa processos de ressilabação vocálica como a ditongação e a degeminação, conforme mostram respectivamente os exemplos “siolharão” e “sesquecer”.

A variável *tonicidade* mostrou-se relevante para a análise dos dados de hipossegmentação. A supressão dos espaços entre palavras pode ser motivada pela presença de grupos tonais ou linhas entonacionais, bem como pela sílaba tônica da palavra. Em quase todos os casos foi preservado o pé do acento.

Observou-se que os constituintes de nível mais alto da hierarquia prosódica, a saber: a palavra fonológica, a frase fonológica, a frase entonacional e o enunciado, parecem dirigir os processos de hipossegmentação.

A criança, ao perceber a fala como um contínuo, apresenta, no início do processo de aquisição da escrita, uma forte tendência em separar as palavras de acordo com a presença de grupos tonais ou de linhas entonacionais. Esse

tipo de ocorrência tende a diminuir tão logo o aluno percebe que a escrita não é exatamente um espelho da fala.

Na análise dos dados de *hipersegmentação*, duas tendências prevaleceram: a separação de uma palavra em duas, uma gramatical e outra fonológica, e a separação de uma palavra em duas outras fonológicas.

Os dados que envolvem uma palavra gramatical e uma fonológica são os mais numerosos e refletem, segundo Ferreiro e Teberosky (1999), o reconhecimento da primeira como motivação. Nesse caso, a criança reconhece a sílaba inicial como sendo uma palavra gramatical e, conseqüentemente, a isola, gerando uma hipersegmentação. A palavra fonológica que fica segmentada à direita pode ter significado lexical ou não. O que se mostra mais representativo nessa palavra é a preservação de um pé métrico, na maioria dos casos um troqueu silábico, resultado que confirma tendência observada por Abaurre (1991).

Nas ocorrências de hipersegmentação que resultam em duas palavras fonológicas, que podem ou não ter significado lexical, observou-se que essas separações podem ter as seguintes motivações: preferência pela formação de palavras dissílabas e paroxítonas; reconhecimento de palavras integrantes do vocabulário da criança; preservação de um pé métrico que tenha apenas uma sílaba pesada.

As hipersegmentações que formam uma palavra fonológica e uma palavra gramatical, assim como as que geram duas palavras gramaticais, são consideradas uma exceção dentre os dados analisados neste trabalho, devido à escassez de exemplos encontrados.

Nos dados de hipersegmentação, em geral, quanto à variável *tipo de sílaba*, pôde-se constatar que, ao inserir um espaço dentro da palavra, a criança tende a preservar as estruturas silábicas da língua, e somente em casos raríssimos isso não se verifica. Também a variável *tonicidade* mostrou-se importante para o estudo dos dados de hipersegmentação. A sílaba tônica parece influenciar a decisão da criança tanto quando há a preservação do pé binário, antes do qual é inserido o espaço, como quando há isolamento de sílabas pesadas.

Os dados analisados, tanto de hipo quanto de hipersegmentação, revelaram, com relação aos constituintes prosódicos, duas importantes tendências: uma relativa à manutenção da integridade da sílaba, pois a criança preserva o constituinte silábico ao definir os limites da palavra; e outra, à manutenção do pé métrico, uma vez que se observou uma acentuada tendência à preservação do pé binário, em especial, do tipo troqueu silábico.

Quanto à variável *tipo de escola*, os dados em geral revelaram que as crianças da escola particular, nos dois primeiros anos de escolarização, apresentaram menos

dúvidas do que as crianças da escola pública. Essa evidência parece indicar que o nível de escolaridade dos pais<sup>11</sup> e um provável contato maior com a escrita antes do ingresso à escola, favorecem a ocorrência de menos segmentações não-convencionais.

Positivamente, a variável *série* mostrou que a escola possui um papel importante no processo de aquisição da escrita, pois a cada série que passa o número de casos de segmentações não-convencionais diminui tanto nos textos das crianças da escola pública como da particular.

Os resultados da pesquisa corroboram a ideia de Ferreiro e Teberosky (1999), segundo a qual a criança é ativa no processo de aquisição da escrita e faz do texto, produzido de forma espontânea, um laboratório de experimentação para suas hipóteses. A decisão sobre em que lugar segmentar as palavras não envolve apenas um tipo de processo para a criança e suas escolhas não são aleatórias. Essas decisões são sempre o resultado de processos complexos, que envolvem, geralmente, mais do que apenas uma motivação.

Finalmente, em se considerando que os dados de escrita se mostraram reveladores de aspectos do conhecimento linguístico que a criança possui, nesse caso em especial dos aspectos prosódicos da língua, não se pode deixar de apontar para a estreita relação oralidade/escrita, preservada evidentemente a especificidade de ambos os processos.

CUNHA, A. P. N. da; MIRANDA, A. R. M. Hypo- and hyper-segmentation in writing acquisition data: the influence of prosody. *Alfa*, São Paulo, v.53, n.1, p.127-148, 2009.

- **ABSTRACT:** *This paper examines unconventional word segmentation that was collected in children's early writing. The data is discussed in the light of the Nespor and Vogel's (1994) Prosodic Phonology. Results show that hypo-segmentations (i.e. lack of space between word boundaries) are mostly influenced by constituents at the highest level in the hierarchy, e.g., the phonological word, the phonological phrase, and the intonational phrase, whereas hyper-segmentations (i.e. inclusion of spaces within word boundaries) are influenced by the constituents at the lowest level in the hierarchy, such as the syllable and the metrical foot.*
- **KEYWORDS:** *Writing. Acquisition. Prosodic phonology. Hypo-segmentation. Hyper-segmentation.*

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; GALVES, C. M. C.; SCARPA, E. M. A interface fonologia-

---

<sup>11</sup> Foi verificado, de maneira geral, através de fichas sócio-econômicas fornecidas pelas escolas, o grau de escolaridade dos pais das crianças das duas escolas. Constatou-se que o grau de escolaridade dos pais das crianças da escola pública é nível fundamental incompleto, enquanto os pais das crianças da escola particular possuem nível médio completo ou grau universitário.

sintaxe: evidências do português brasileiro para uma hipótese *top-down* na aquisição da linguagem. In: SCARPA, E. M. (Org.). *Estudos de prosódia*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999. p.285-323.

\_\_\_\_\_. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da ABRALIN*, Campinas, v.11, p.203-217, 1991.

\_\_\_\_\_. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (Org.). *A concepção da escrita pela criança*. 2.ed. Campinas: Pontes, 1988. v.1, p.135-142.

BISOL, L. O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos de Linguagem*, Belo Horizonte v.9, n.1, p.5-30, 2000.

BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

\_\_\_\_\_. O acento e o pé binário. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.29, n.4, p.25-36, 1994.

\_\_\_\_\_. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.23, p.83-101, jul/dez. 1992.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização & linguística*. 10.ed. São Paulo: Scipione, 2002.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language*. Nova York: Praeger, 1986.

\_\_\_\_\_. abordagem linguística. In: PIATELLI-PALMARINI, M. (Org.). *Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem: o debate entre Jean Piaget & Noam Chomsky*. Tradução de Alvaro Cabral. Lisboa: Edições 70, 1978. p.51-62.

\_\_\_\_\_. *Aspects of the theory of syntax*. Massachusetts: MIT, 1965.

CUNHA, A. P. N. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. 2004. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.

FERREIRO, E.; PONTECORVO, C. Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In: FERREIRO, E.; PONTECORVO, C.; MOREIRA, N. R.; HIDALGO, I. G. *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever: estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas*. São Paulo: Ática, 1996. p.38-77.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana di Marco e Nestor Jerusalinsky Porto Alegre: ARTMED, 1999.

KATO, M. A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v.8, n.2, p. 249-336, 1977.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p.9-93.

\_\_\_\_\_. *A aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

MIRANDA, A R. M. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: LAMPRECHT, R. (Org.). *Aquisição da linguagem: estudos recentes no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. No prelo.

\_\_\_\_\_. *A aquisição do 'r': uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico*. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

MOREIRA, N. da C. R. *O nome próprio na aquisição da escrita: construção da nasal pré-consonantal*. 1991. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *La prosodia*. Madrid: Visor Distribuciones, 1994.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. *A epistemologia genética*. Petrópolis: Vozes, 1972.

RANGEL, G. A. Os diferentes caminhos percorridos na aquisição da fonologia do português. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.33, n.2, p.133-140, jun. 1998.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Recebido em setembro de 2008.

Aprovado em novembro de 2008.